A angústia e a fantasia: transbordamento do real no imaginário[1]

ELIANE Z. SCHERMANN

O TRAUMA E A ANGÚSTIA NÃO SÃO sem relação com a fantasia. "A angústia é esse corte sem o qual a presença do significante, seu funcionamento, sua entrada, seu sulco no real é impensável"[2]. Segundo as últimas abordagens freudianas sobre a angústia, não podemos alcançá-la sem definir o trauma. Enquanto o trauma é irrupção angustiante do impensável, a fantasia é uma possível resposta do sujeito em face do desamparo, sempre desamparo do Outro. A fantasia apazigua e estabiliza por ser balizamento do sujeito no âmbito do princípio do prazer. Os avanços de Lacan sobre a angústia nos incitam a aproximar o trauma da noção de gozo e a fantasia da resposta da neurose à irrupção do gozo que é sempre traumático para o sujeito da fala.

É necessário um breve inventário de algumas definições de Freud e Lacan a respeito do trauma e da fantasia para chegarmos a conceber em que aspectos ambas se articulam. Para tanto, também devemos desenvolver uma breve reflexão sobre a relação entre o conceito de objeto em psicanálise e o de gozo em Lacan.

Desde o *Projeto*, Freud aborda a noção de trauma[3] como uma tendência a repetir as marcas deixadas por uma primeira "experiência de satisfação ou dor", não importando se esta é real ou imaginada. O trauma seria correlato à incapacidade de "ligar" excitações excedentes resultantes da ruptura de "barreiras de defesa" decorrentes da impossibilidade, por exemplo, da articulação da pulsão aos seus representantes, o que deixaria o sujeito no desamparo. O trauma se encontraria no âmbito do impensável, equivalendo ao hiato repetitivo no qual se modularia, segundo Freud, a "dissociação entre idéia e afeto". Por ser correlato à irrupção intempestiva de um excedente pulsional, o traumático teria íntima relação com o que afeta o sujeito: a angústia. Entretanto, enquanto o trauma é transbordamento de prazer nas vias do mais além do simbólico, a fantasia é homeostase.

A fantasia concentra o excesso de excitação em um cenário que fixa o âmago do ser dentro dos limites do princípio do prazer. Sua função é apaziguadora por estruturar uma sutura

[1] Versão modificada do trabalho apresentado no Encontro da EPCFL-Brasil realizado em São Paulo, em novembro de 2004, sobre o tema "Trauma e Fantasia".

[2] Lacan, *O seminário X: A angústia* (1962-3, aula de 19 de dezembro de 1962)

[3] Em 1938, Lacan faz um inventário dos traumatismos considerando-os como realidades fundadas em complexos: trauma do nascimento, trauma do desmame, trauma da intrusão fraterna, trauma edípico etc. Ao discutir o Homem dos Lobos, ele retoma o tema e acentua a dispersão imaginária referindo-a à noção freudiana "*Prägung*", responsável pelo efeito de *après-coup*. Trata-se de fixações imaginárias inassimiláveis pelo simbólico. Em 1957, ele valoriza "o significante enigmático do trauma sexual". A cena primária é abordada como um significante. Em 1960, o trauma é referido à "opacidade do desejo do Outro", que deixa o sujeito sem recursos (*Hilflosigkeit*). Em 1964, ao introduzir o par "*tyché* e *automaton*", considera o trauma como um "real inassimilável" que busca transformar a homeostase significante. Esse real se estende do trauma à fantasia, uma vez que considera a fantasia a tela recobridora do trauma. Esse percurso lacaniano parte do trauma como realidade (desmame), passa pelo trauma

como imaginário (*Prägung*) depois, como simbólico (significante enigmático) e, então, como trauma real (*tyché*), faz série desde o mal-encontro, esta opacidade do desejo do Outro (*che vuoi?*), o aspecto copulatório da sexualidade, a não relação-sexual como *trau*-matismo, enfim, até abordar o furo no real. E, desse modo, o percurso de Lacan nos incita a abordar o trauma como gozo. Nessecontexto, a fantasia seria a resposta da neurose ao gozo do trauma.

[4] O encontro traumático com o real do sexo incide sobre o neurótico sem que ele possa antecipá-lo oumodificá-lo. Nesse sentido, segundo Lacan, o traumático, na vertente de um real impossível de dizer, contrapõe-se à estabilização da fantasia aplicável à definição lacaniana de real como "aquilo que sempre retorna ao mesmo lugar", "o real é o choque", "o real é o que anda mal" (Lacan, 1988, p. 81). Esse lugar "sempre o mesmo" não é outro senão o furo simbólico e real aberto no Outro.

[5] Signo e memorial de gozo, apenas no corpo que goza, o objeto em falta ganha consistência imaginária

[6] Lembremos a definição lacaniana de gozo apresentada em *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*: "o gozo é exatamente correlativo à forma primeira de entrada em ação do que chamo a marca, o traço unário, que é a marca para a morte. Observem que nada toma sentido até que a morte entre na jogada" (1969-70, p. 169).

[7] A histérica se furta fazendo com que aquele que encarna o

simbólico-imaginária com o intuito de evitar o choque do real[4] contra aquilo que "sempre retorna ao mesmo lugar". O Outro nada garante e sempre remete ao lugar em que falta o significante para representar o âmago do ser que, no curso do desejo, a ele se furta. Tentando identificar e se representar na cadeia significante, o sujeito se depara com o que o abole e a ele se furta, que nada mais é do que a cifra da repetição de uma inscrição primordial, o memorial de seu gozo[5]. O sujeito pode minimamente reconhecer-se como um "eu" apenas no instante em que encontra uma fixidez, uma impressão na qual identifica, enfim, uma modalidade de gozo. Essa marca nada mais é que o real do sexo – *Prägung*.

Falar em gozo[6] implica abordar um mais além. O gozo está ligado à própria ação do significante sobre o corpo. O sujeito afetado pelo significante é por ele abolido. O significante que designa e institui o sujeito também o mortifica. A incidência significante exclui o gozo[7] pulsional do corpo, o que significa mortificá-lo. Por um lado, o significante trilha as comportas para o gozo. Por outro, o que dele resta são apenas os rastros do gozo sentido no corpo. O sujeito – definido por Lacan como aquele que se representa no "entre" do encadeamento de um significante com outro – se eclipsa no significante conotado por Lacan como "significante no real". Podemos recorrer ao jogo homofônico utilizado por Lacan e permitido pela língua francesa entre *tu es/tuer*, que ora designa o ser na expressão "você é", ora o anula no significante "matar ou mortificar".

Embora o gozo se furte ao corpo – o gozo é proibido e interdito ao ser falante –, paradoxalmente, quando no corpo se manifesta, imperativo e repetitivo, pode permitir ao sujeito identificar sua singularidade e sua modalidade de gozar. Contudo, no instante fugaz em que há uma irrupção de gozo no corpo, o que no sujeito se manifesta é a angústia.

Contrariamente a Freud, que destaca na angústia a ameaça de perda, seja do objeto, seja do amor, Lacan mostra que a angústia ocorre quando há proximidade com a "falta que vai faltar", ou seja, quando o objeto *a* [8] se manifesta no corpo do vivente como substância gozante, efeito da operação da linguagem no real.

Uma das maiores fontes de angústia do neurótico é ser reduzido ao seu corpo, à substância gozante, ao real do gozo. Se este, por um lado, é encarnado no corpo para fazer do sujeito um corpo sexual, por outro, do corpo deve ser exilado como "tripa causal"[9] para que este seja erotizado e passível de ser erigido em um Eu e também conotado como um corpo sexuado. Em Lacan,

a noção de "tripa causal" antecede a noção de objeto causa de desejo e de mais-de-gozar[10].

Nessa rápida introdução ao conceito de gozo no corpo já se delineiam duas vertentes do objeto para responder à questão do ser no desejo inconsciente. Em uma delas, o objeto fixa o gozo pulsional nos pontos de impasse do curso do desejo. A deriva da pulsão tende repetidamente a retornar a esses pontos em busca de um saber. Na outra vertente, o objeto traduz o furo do simbólico[11] por onde a pulsão transborda e extravasa. Se, de um lado, o objeto fixa o ser nas balizas da fantasia, do outro, convoca o sujeito a se manifestar como gozo, ao instigar suas demandas e orientá-las pelo desejo.

Em outras palavras, ao se manifestar no real do corpo como gozo pulsional, o objeto é correlato a um vazio da cadeia associativa, a um furo do simbólico. Ou melhor, o objeto é a *a*-presentação de um oco em torno do qual se realiza o circuito pulsional em busca de satisfação. O sujeito sempre retorna ao objeto do qual o corpo é exilado e que se furta ao desejo. Ao se indagar sobre o âmago de seu ser – compulsão à repetição (*Widerholungzswang*) –, provocado pelo vazio de significação, o sujeito é orientado pelo circuito pulsional a tropeçar na repetição dos pontos de impasse do desejo. Nesse percurso da pulsão, uma fenda é aberta no saber inconsciente. O traço de repetição se desvela no gozo que insiste e busca satisfação no circuito da demanda. É ele que convoca o sujeito a percorrer as vias e trilhas do desejo. Esses pontos balizam e instituem o sujeito nas malhas do significante, conduzindo-o da demanda à estrutura da fantasia, e desta à deriva da pulsão. Ao se manifestar como pulsão, o objeto relança a apetência do desejo ao novo.

A partir desse desenvolvimento, constatamos que o objeto é correlato à marca de gozo que o traçado da pulsão deixa no corpo. Assim também o objeto é correlato ao traço da repetição da falta de significante. Enfim, o objeto visa ao real ex-sistente[12] e à repetição. Nos rastros e nos traços deixados por esse objeto que se furta ao desejo, o sujeito pode encontrar o que lhe é o mais íntimo e, ao mesmo tempo, mais estranho: o âmago de seu ser de gozo. Podemos dizer de outra forma: no campo do Outro falta o significante que poderia representar para o sujeito sua modalidade de gozo, contudo, ao se oferecer às demandas do Outro, ao oferecer suas demandas ao Outro, o sujeito dividido constitui um Eu em que tenta substituir a falta de significante por uma imagem para representá-lo. Assim também tenta condensar sua dispersão pulsional.

Outro deseje evitando o seu governo. O obsessivo faz com que o Outro demande. Contudo evita colocar-se no lugar do demandado pois confunde a demanda com o desejo. O obsessivo acredita ter que atender a demanda oferecendo-se, a si mesmo e ao seu corpo, como substância gozante, no lugar do objeto demandado pelo Outro.

[8] O objeto a lacaniano é um objeto logicamente construído para conotar um gozo a-sexual, fora-do-sexo, objeto non-sense mas imprescindível para conotar o excedente de gozo que pode funcionar no lugar de causa de gozo.

[9] Termo usado por Lacan em *O seminário X, A angústia* (1962-3), para designar o objeto *a*.

[10] A noção de mais-de-gozar será desenvolvida por Lacan em *O seminário 17: O avesso da psicanálise* (1964).

[11] Esse furo simbólico se traduz na falta de significante para representar o sujeito. Este apenas se apresenta em sua modalidade de gozo

[12] O gozo ex-siste ao simbólico e na fenda insiste.

Na imagem de Eu, o neurótico acredita que pode evitar deparar-se com sua divisão subjetiva. Essa imagem, no entanto, é erigida justamente nas fendas abertas no corpo por onde ecoam, escoam, percorrem e se manifestam os traços e as marcas de sua modalidade de gozo. Assim, a imagem de Eu porta as marcas do objeto cujos traços de repetição são correlatos à irrupção inesperada e traumática de gozo que embaraça e transtorna o Eu. À interrogação do sujeito sobre seu ser e sobre seu desejo[13], a experiência de análise visa permitir o reconhecimento do objeto que o próprio sujeito *é* para o Outro. A primeira demanda do sujeito é uma identificação.

[13] O desejo se manifesta sempre como desejo de "ter" o objeto que a ele se furta, ou seja, é desejo de "ter o falo", este 'significante do desejo'.

A pulsão é o que está à deriva jogando com o sujeito na flutuação da demanda. No curso do desejo, o objeto é o mais variável e indiferente por ser o mais passível de ser substituído no movimento de pulsação do desejo inconsciente em busca da satisfação. Por equivaler ao furo aberto no simbólico, por equivaler ao que ex-siste ao imaginário do corpo, o objeto insiste e convoca a pulsão à satisfação. A satisfação da pulsão não está no encontro com o objeto, como o neurótico quer crer, mas no próprio circuito da pulsão trilhado pela demanda. É esse movimento pulsional que define o desejo como falta-a-ter[14], como falta-a-ser e falta-a-gozar. No encontro fugaz da pulsação da demanda com os pontos enigmáticos do desejo, o objeto, nomeado por Lacan objeto *a*, não se escreve, vaza para permitir às metáforas e aos significantes novos se manifestarem no discurso do desejo encadeado pelas demandas.

[14] Referimos a falta-a-ter ao falo como objeto de desejo no qual o gozo se articula e faz o gozo consistir em um corpo. Referimos a falta-a-ser ao falo como significante do desejo, sempre desejo do Outro.

Nos anos 1962 e 1963, Lacan aborda a angústia inicialmente na vertente do desejo do Outro, mostrando que a experiência analítica visa conduzir o sujeito a se reconhecer como objeto do Outro. Paradoxalmente, isso é da ordem do impossível. O gozo do Outro é uma fantasia do neurótico para que ele possa, onde o Outro falta ou vacila, localizar seu gozo. Ao se indagar sobre seu ser de gozo, o sujeito se depara com o peso do enigma do desejo do Outro. Nesse instante fortuito, o sujeito se verifica sendo nada mais que tripa e dejeto do Outro. Esse momento é traumático porque o sujeito se constata em puro desamparo. O Outro nada garante e o Eu vacila. Sob a forma de pulsão, esta "tripa causal", que não é outra senão o próprio sujeito em sua "insustentável leveza" de objeto que ali pulsava visando convocar o desejo do Outro a se manifestar. Esperando localizar o âmago de seu ser nessa fenda vibratória, o sujeito se constata sendo nada mais que gozo e pulsão que hão de vir ao lugar de causa para relançar a apetência do desejo ao novo. Um a-menos no simbólico corresponde a um a-mais de gozo.

O desejo enigmático é conotado por uma suspensão e pela deriva da pulsão que excede como mais-de-gozar. Essa suspensão – que nomeamos de castração do Outro, ou ao Outro falta –, visa convocar o âmago do ser, a que se reduz o sujeito, a se manifestar uma vez mais como desejo. Enfim, para reconhecer o seu ser de gozo, as únicas respostas possíveis do sujeito ao buraco aberto no saber inconsciente são, por um lado, erigir o Eu e, por outro, balizar-se pela fantasia.

O objeto desprendido dos momentos de impasse do desejo, balizado pelas amarras da fantasia, vela e desvela o âmago do ser de gozo. Correlato a um vazio do qual apenas restam, em termos freudianos, os "escombros do ouvido e do visto", o objeto, que também é falta e fugacidade, desperta a pulsão e instiga o trilhamento do desejo em direção ao novo. Assim, ousamos considerar o sujeito sem consistência simbólica ou imaginária no nível do gozo pulsional. Sua única substância é a de gozo. No entanto, pela fantasia, essa substância gozante tende a consistir, por exemplo, nos objetos oral e anal, objetos da demanda. Pela demanda, os objetos adquirem consistência imaginária. Entre eles destacamos o próprio Eu ao qual o neurótico se identifica embora tema ter de se oferecer como objeto para satisfazer os caprichos do Outro. É o que nos ensina Freud sobre o narcisismo[15].

O obsessivo é quem melhor exemplifica a substituição do desejo pela demanda. Ele desliza sua gramática pulsional pelos significantes da demanda até reduzir o âmago de seu ser ao objeto suposto ter sido demandado pelo Outro que supõe ser ele próprio. Ele confunde desejo, que se produz para além da demanda, com a própria demanda. Nesse percurso, ele se aprisiona na armadilha imaginária em que ele próprio se faz equivaler aos seus objetos de demanda. Entre os distintos objetos da demanda, ele próprio se faz ser um deles. Então, oscila entre se oferecer e reter a si mesmo por se ter constituído como objeto fantasmático em seu valor de troca para o Outro. Devido às equivalências simbólicas e libidinais, devido ao narcisismo, o próprio corpo se torna um dos objetos do Outro. Sabemos, no entanto, que a demanda é intransitiva e "o desejo é metonímia de falta-a-ser"[16].

O objeto furtivo ao campo do Outro é edificado em um Eu para mascarar a fenda aberta da divisão subjetiva. Contudo ali também o gozo instiga, incendeia o corpo e vocifera exigente pela satisfação. A angústia se manifesta no instante em que, por exemplo, balizado pelas amarras da fantasia, o sujeito se torna equivalente ao objeto que demandou ao Outro ou supõe

[15] Freud escreve: "o termo narcisismo foi escolhido[...] para denotar a atitude de uma pessoa que trata seu próprio corpo da mesma forma pela qual o corpo de um objeto sexual é comumente tratado". Sobre o narcisismo: uma introdução (1914, p. 89)

[16] Lacan. A direção do tratamento (1998, p. 646)

ter sido demandado pelo Outro. O sujeito utiliza a estratégia de substituir o objeto da fantasia pelo uso falacioso do objeto na demanda. A angústia apenas desvela que ele próprio *é* e *há de vir* ao objeto demandado pelo Outro e para o Outro.

A demanda mais antiga é a identificação primária. O que provoca a angústia não é a demanda – o neurótico quer que lhe supliquem, que lhe peçam, ensina Lacan. O que nele causa angústia é ter de pagar o preço de sua castração, é ter de pagar o preço de sua "ex-sistência"[17] com a falta-a-ser que, no neurótico, é estrutural. Enfim, essa falta, seu "pecado", nada mais é que o desvelamento do âmago de seu ser de gozo.

[17] Termo utilizado por Lacan para se referir ao objeto que é, ao mesmo tempo, familiar e desconhecido para o sujeito.

Identificado com o objeto imaginário para atender ao capricho do Outro, ameaçado pela insistência do gozo, por um instante fugaz, o sujeito vacila sob a ameaça da proximidade do gozo que ameaça destituí-lo da imagem de "eu ideal" em que se erigiu para evitar se deparar com a castração. Assim, o objeto antes referido ao edípico (que barra, interdita, mas também permite simbolizar o gozo inter-dito), agora ameaça reduzir a demanda à pulsão. O neurótico faz consistir seu eu na imagem do eu ideal edificado no significante do desejo, no significante fálico, calcado nos traços extraídos do ideal do eu. Por se angustiar em face da castração do Outro, ele utiliza a identificação primária como resposta à demanda do Outro que ele faz encarnar nos personagens de sua história e aos quais deve atender. Pela libido que facilita as trocas simbólicas, ele próprio se torna equivalente ao objeto que supõe ser demandado pelo Outro.

Lembremos que, para Freud, a angústia aparece como um sinal no eu. Lacan não se distancia dessa perspectiva, mas acrescenta que a angústia é transbordamento do real no imaginário. Ele lembra os instantes fugazes e traumáticos em que o sujeito é atravessado pela angústia. Ao ser tocado pelo vazio do objeto, o sujeito vacila deixando emergir sua única consistência que é a de gozo. Nesses instantes em que o gozo pulsional se manifesta para o sujeito, pode lhe parecer que "a falta vai faltar". De que objeto se trata na angústia senão daquele que porta a marca indelével do ser de gozo? A expressão "a falta ameaça faltar" nada mais é que a manifestação da presença maciça da proximidade do gozo pulsional a que o eu é ameaçado de sucumbir. O que o neurótico mais teme é ser reduzido ao seu corpo real e pulsional, ou seja, teme ser destituído das identificações imaginárias e simbólicas que o constituíram como corpo sexuado e como um Eu.

Contrariamente a Freud, Lacan mostra que a angústia não é apenas ameaça de perda. Para Lacan, a angústia adverte o eu acerca da proximidade ao objeto que evoca o gozo pulsional. A angústia adverte o Eu acerca da ameaça de que a "falta vai faltar"[18]. Embora não deixe de considerar a função de ameaça de perda de amor e de falta do objeto abordada por Freud, Lacan positiva o objeto ao localizá-lo na vertente da economia de gozo. Ele chega a dizer "a angústia não é sem objeto". Para Lacan, portanto, a angústia é "o único afeto que não engana".

Essa expressão lacaniana, "a angústia não é sem objeto"[19], leva-nos a considerar o objeto "amarrando" a angústia. Em resposta à questão "o que o Outro quer de mim?", ou à pergunta "o que o Outro *me* quer, quer em mim?", o sujeito é fisgado pelo gozo no qual deposita o âmago de seu ser. O objeto que se furta ao desejo não é outro senão a marca de gozo que afeta e instiga o âmago do ser novamente a seguir as trilhas e comportas do desejo.

Consideramos com Colette Soler que a angústia é uma possível manifestação de instantes fortuitos de destituição subjetiva, mesmo que destituição selvagem. Os instantes fugidios em que o sujeito, suspenso ao Outro, manifesta-se pela angústia são equivalentes a momentos de destituição subjetiva. São instantes em que o âmago do ser do sujeito é afetado pelo vazio de representação. As identificações tendem a vacilar e o ser, a se *a*-presentar[20] no objeto furtivo e insensato do desejo – "esse obscuro objeto do desejo", conforme o título do filme de Buñuel. Nos instantes de destituição subjetiva, os cortes da demanda pela pulsão fazem a fantasia oscilar, e o sujeito se manifesta afetado pela angústia. O que vacila é o lugar de objeto que o sujeito ocupou ao se "ofertar ao Outro" para ali encontrar o âmago de seu ser de gozo.

Pela destituição subjetiva, o neurótico alcança sua redução ao traço significante que ora dele se furta, ora o fixa enquadrando-o na janela da fantasia. Os instantes fugazes em que o desejo está suspenso e fazem com que o sujeito se manifeste pela angústia são equivalentes a momentos de destituição. Nesses instantes fugazes de destituição, o sujeito se manifesta como "falta-a-ser". Se, de um lado, o objeto sustenta a demanda no eixo do "ter" o falo, de outro, esse objeto falacioso da demanda convoca o "seu-jeito/sujeito" a se manifestar em sua inefável e estúpida ex-sistência[21] até alcançar o furo do simbólico, como *trou*-mático[22] ou ainda *trop*-mático[23], assim concebido por Lacan por ser excedente pulsional não balizado pelo simbólico.

[18] Lacan (1962-3)

[19] Idem.

[20] A primeira letra *a* da palavra *apresenta* está destacada para equivocar com o objeto *a* lacaniano em suas distintas manifestações de gozo: por um lado, gozo em perda, memorial de gozo, e, por outro, fixação de gozo no enquadre da janela da fantasia. Destacamos novamente o *a* do termo *a*presenta que, sendo referido ao objeto *a*, é definido por Lacan de diferentes formas. Entre elas, como isca, "tripa causal, ou ainda "aquilo que se supõe de vazio[...] de não senso, de não-sentido ou insensatez, [...]situando-se pela metonímia, [...]contudo, trata-se do objeto que satisfaria o gozo" (Lacan, *Seminário 20; Mais ainda*, 1982, p. 171). Também podemos fazê-lo equivaler à reserva pulsional freudiana conotada por Lacan no (- φ) que lhe dá consistência e corpo.

[21] Abordamos a noção lacaniana de ex-sistência para conotar a vida fora do simbólico que insiste como pulsão.

[22] Recorremos ao equívoco significante *trou*-mático utilizado por Lacan e permitido pela língua francesa para se referir ao *trou* que traduz o buraco real no simbólico, o oco de significação provocado pelo trauma.

[23] *Trop*-mático significa o excedente pulsional que é traumático e insuportável por não ter sido todo apaziguado pelo simbólico.

A destituição subjetiva é correlata ao instante fugaz em que se manifesta, pela angústia, o objeto furtivo ao desejo. O objeto, contudo, traduz para o sujeito o que ele *é* para o Outro: *é* "potência de pura perda"[24], expressão equivalente àquela utilizada por Lacan em *Direção do tratamento* para exprimir o aspecto de "ser instigado pela força da libido"[25]. Ou ainda, trata-se dos instantes contingentes em que o âmago do ser e a fantasia são tocados pela angústia. O sujeito é despertado, tornando-se equivalente ao objeto. Podemos dizer que ele *é* "a Coisa real – *das Ding* fora-de-significado – que padece do significante"[26].

A angústia como "transbordamento do real no imaginário"[27] visa desvelar os momentos de destituição subjetiva para que o âmago do ser se *a*-presente e possa se manifestar fortuitamente na contingência do real do sexo. Nesses momentos de destituição das demandas e das identificações, o objeto *a* é correlato a um vazio da cadeia associativa. Nos buracos abertos do corpo – zonas erógenas – o objeto é pura manifestação de gozo. É fogo e fumaça porque o gozo incendeia o corpo instigado pelo oco simbólico por onde extravasa a pulsão. Ora o objeto ecoa insistentemente retornando, contornando o oco simbólico *trou* e *trop*-mático, ora fixa o âmago do ser em instantes balizados pela fantasia, ora escoa pelas frestas por onde percorre a deriva da pulsão, ora fixa o ser de gozo nos impasses do desejo no percurso da pulsão. A experiência analítica, todavia, visa à falta-a-gozar para relançar a apetência do desejo ao novo. O novo evoca e convoca a falta de significante para representar o gozo... uma vez mais. Mais uma vez. E assim por diante porque o desejo não se esgota, exceto na morte verdadeira. A vida significa que, no Outro, Outro que falta, Outro da castração, no real, falta o significante para estancar o âmago do sujeito que, destituído das demandas e das identificações, pode, então, reencontrar seu leito no desejo.

[24] Lacan. *Televisão* (1993, p.81).

[25] Lacan. A direção do tratamento (1998, p. 616).

[26] Lacan. *O Seminário, Livro 7* (1959-60, p. 149)

[27] *Ibid.*, p. 102.

referências bibliográficas

CAZOTTE, Jacques. *O diabo enamorado.* Rio de Janeiro: Imago, 1982.

FREUD, Sigmund. (1895). Projeto para uma psicologia científica. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1974. Vol. I.

FREUD, Sigmund. (1911). Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1974. Vol. XII.

FREUD, Sigmund. (1907). Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1974. Vol VII.

FREUD, Sigmund. Totem e tabu. (1912). In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1974. Vol. XIX.

FREUD, Sigmund. O estranho. (1919). In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1974. *Vol.* XVII.

FREUD, Sigmund. (1920). Além do princípio do prazer. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1974. *Vol.*XVIII.

FREUD, Sigmund. A negativa. (1925). In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1974. *Vol.* XIX.

FREUD, Sigmund. (1937). Análise terminável e interminável. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1974. *Vol.* VII.

HANNS, Luís. *Dicionário comentado do alemão de Freud.* Rio de Janeiro: Editora Imago, 1988.

LACAN, Jacques. A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In: *Escritos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques. Subversão do sujeito e dialética do desejo. In: *Escritos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques. Função e campo da fala e da linguagem. In: *Escritos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques. Posição do inconsciente. In: *Escritos.* Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques. Do sujeito enfim em questão. In: *Escritos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques. *O Seminário – livro 7: A ética da psicanálise* (1959-1960). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

LACAN, Jacques. *O Seminário – livro 8: A transferência* (1960-1961). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

LACAN, Jacques. *O Seminário X: A angústia* (1962-1963). Inédito.

LACAN, Jacques. *O Seminário – livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1979.

LACAN, Jacques. *Le Séminaire, Livre XVI: D'un Autre à l'autre* (1968-1969). Inédito.

LACAN, Jacques. *O Seminário – livro 17: O avesso da psicanálise* (1969-1970). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

LACAN, Jacques. *O Seminário – livro 20: Mais ainda* (1972-1973). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1982.

LACAN, Jacques. La psychanalyse dans ses rapports avec la realité. *Scilicet 1*. Paris, n. 1, 1970.

LACAN, Jacques. *Televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

LACAN, Jacques. La tercera. *Intervenciones y textos 2*. Buenos Aires: Manantial, 1988.

SCHERMANN, Eliane. Z. *O gozo en-cena: sobre o masoquismo e a mulher*. São Paulo: Escuta, 2003.

resumo

Recorrendo a conceitos freudianos e lacanianos, a autora aborda a relação entre o trauma, a angústia e a fantasia. A angústia pode ser um balizamento para a direção do tratamento psicanalítico uma vez que orienta a experiência analítica nos instantes de destituição das identificações sustentadas pela fantasia.

abstract

Following the lacanian and freudian concepts, the author relates some aspects about the trauma, the anguish and the phantom. The anguish can be an orientation to the psychoanalytic treatment direction because it organizes the analytic experience and the analitic act precisely at the moment when it happens the destitutions of identifications supported by the phantom.

palavras-chave

angústia, trauma, fantasia e destituição de identificações.

keywords

anguish, trauma, phantom and destitution of identifications.

recebido

14/02/2005

aprovado

20/03/2005